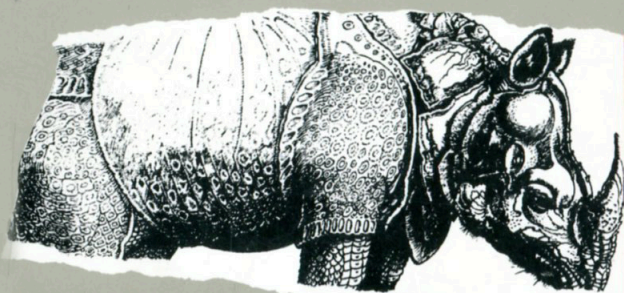




A N T O N I O J O S E ' F O R T E

CORPO
DE
NINGUÉM



HIENA

CORPO DE NINGUÉM



ANTÓNIO JOSÉ FORTE

CORPO DE NINGUÉM

HIENA EDITORA
Apartado 2481
1112 LISBOA CODEX

Título
CORPO DE NINGUÉM
Autor
ANTÓNIO JOSÉ FORTE
Desenhos de
ALDINA
Capa de
AUGUSTO T. DIAS
© de Aldina Costa
e Hiena Editora

Lisboa, Abril de 1989

HIENA EDITORA

António José Forte nasceu na Póvoa de Santa Iria a 10 de Fevereiro de 1931 e morreu em Lisboa a 15 de Dezembro de 1988. Bibliografia: 40 Noites de Insónia de Fogo de Dentes numa Girândola Implacável e Outros Poemas (Ed. A Antologia em 1958, Lisboa, 1960), Uma Faca nos Dentes (Ed. &etc, Lisboa, 1983), Azuliante (Ed. &etc, Lisboa, 1984), Dia a Dia Amante (Ed. Hiena Editora, Lisboa, 1986) e Caligrafia Ardente (Ed. Hiena Editora, Lisboa, 1987). Publicou ainda o livro para crianças Uma Rosa na Tromba de um Elefante (Ed. Edições Afrodite, Lisboa, 1971).



Era desejo de António José Forte reunir num só livro todos os seus poemas publicados, livres agora das prosas e acrescentados de um inédito, «Desobediência Civil». Por sua morte, ficaram este objectivo e um problema novo, Encontraram-se alguns originais dactilografados ou manuscritos absolutamente à altura do resto da obra. Havia também mais três textos além dos outros três que Forte pretendia não embaraçassem a circulação e articulação dos poemas e que, por isso, tinham de ser deslocados do corpo a que antes pertenciam para outro, autónomo, final, de prosa, uma espécie de marginália. Como era oportuno publicar todos os escritos, encontrou-se como melhor disciplina acrescentar duas secções ao volume projectado: uma contendo os poemas inéditos, dez no total, sob o título comum de «Desobediência Civil», e outra com os textos em prosa, seis, aqueles que já haviam figurado em livro e os dispersos. Ficava assim intacta a intenção primeira, expressa pelo Autor, e cumpria-se o propósito de dar a conhecer os inéditos e os dispersos, tudo organicamente apresentado num único volume. O que pareceu razoável às pessoas consultadas: aos amigos, aos próximos.

QUASE 3 DISCURSOS QUASE VEEMENTES

1

Eram enormes, tentaculares, e à sua passagem a noite ficava dividida ao meio: num lado eram lançados os velhos e as crianças, no outro os corpos dilacerados dos amantes.

Contudo, podia-se escolher. Os generais tinham providenciado nesse sentido, mantendo abertos ao longo das avenidas grandes postos de abastecimento para suicidas. Havia quem se suicidasse escrevendo um poema, como havia quem se suicidasse olhando simplesmente para o mar. Qualquer coisa fluava, a certas horas, ao redor das bocas, e era sangue ou labaredas, nunca se sabia bem. Era às vezes uma flor na boca de uma criança.

Uma noite uma mulher, estendendo os braços para o horizonte, lançou de súbito um grito lancinante: AVIÕES! Mas era apenas um bando de gaivotas e a mulher teve de ser enforcada. Tais enganos constituíam segredo de Estado.

É certo que não havia presos políticos. A política tinha sido abandonada por todos, estava reduzida a um montão de cabeças petrificadas.

A caça aos ratos, única fonte de sabedoria, tornara-se quase

geral. Mas era preciso apanhá-los vivos. Então extrafiam-se cuidadosamente as entranhas com o auxílio de pinças, e aos olhos fascinados dos estudiosos patenteava-se, naquelas formas horríveis e sangrentas, tudo o que restava dos discursos de Zaratustra ou de Alice no País das Maravilhas.

Era no tempo em que os generais falavam: passavam bicicletas arrastando cabeleiras e logo a seguir ao armistício houve o suicídio em massa dos órfãos do Soldado Desconhecido. Apareciam e desapareciam coisas. Aparecia de vez em quando o rapaz do trapézio voador, desaparecia a horas mortas, entre os lençóis, uma grande guerra de corpo contra corpo.

Mais ou menos por essa altura a descoberta pelos astrónomos dum sapato na aurora boreal lançou o país em discussões verdadeiramente académicas, que os fabricantes de calçado aproveitaram para lançar no mercado um novo modelo de patriota: o Patriota Pneumático. Funcionava assim.....

2

Falámos tanto ou tão pouco que de repente o silêncio que se fez foi essa patada no peito de que guardamos a marca quando agora choramos, quando estendemos as mãos carregadas de dedos mortos, sonhámos tanto que mais de uma vez tivemos de matar, que mais de uma vez nos estoiraram os olhos sob a pólvora das lágrimas e as tuas mãos voaram estilhaçadas, jogámos tanto que para não nos perdermos arriscámos tudo, até tornarmos a morte uma coisa nossa, tão nossa que é ela que anda agora vestida com a nossa pele e os nossos ossos, escorregando pelas paredes de cabeça p'ra baixo ou subindo pelo interior dos bicos, olhando do alto o sangue que ficou no centro, entre os carris, passando de cadafalso em cadafalso

com os lábios furados pelas unhas, com a cintura roxa das dentadas da noite, da miséria dos dias.

3

Roda de todas as torturas e todas as seduções, deixaste de girar, estás agora aqui, partida, abandonada no próprio local do sangue; transportada de homem em homem através dos séculos, foste há pouco deposta pelo último homem, esse que desapareceu, ia de lado, com os joelhos duros cobertos de água e as mãos cem metros à sua frente em sinal de maldade. Corpo a corpo foste gasta até à última noite e até à última estrela; palavra a palavra foste sugada e bebida e de todos os lados sempre novas bocas chegavam para te sugar e beber; ficaste um gesto que perseguimos à dentada e acabámos por matar. Vêde: a destruição prossegue docemente. Restam apenas aqui e além algumas cidades com os seus milhões de almas e nada mais. Pequenas marcas de sangue cada vez mais vivas assinalam a nossa passagem entre as agulhas de carvão do tempo. Canhões ocupam a entrada da luz. E de Norte a Sul, de Este a Oeste, de criança para criança, aguarda-se o sinal de fogo.

Não estranheis os sinais, não estranheis este povo que oculta a cabeça nas entranhas dos mortos. Fazei todo o mal que puderdes e passai depressa.

40 NOITES DE INSÓNIA
de fogo de dentes numa
girândola implacável
e outros poemas

São eles — os amantes no seu leito de morte chegando a espaços de clareiras infernais, quarenta noites de insónia, de fogo, de dentes numa girândola implacável, todos os suicidas e as mães que tiveram antes, as mães que tiveram depois e aqui e ali, por toda a parte, automóveis abandonados às chamas, animálculos, perguntas, cortesãs, decapitações atrás dos cartazes, dois rapazes no cais enquanto a morte rouba flores à infância, grande festa do poeta na gare esperando o comboio para uma morte horrível, a trapezista dos meus tempos de ócio medieval e do trapézio dos adolescentes, minha mãe das minhas noites de menino e hélices lunares cobrindo de cristais e de pavor as tuas mãos, simples roda de cores e anel de namorada; fotografia dela guardada ainda na mesma carteira velha, ainda rugindo pela infância, ainda viva pelas coisas imperdoáveis, próxima e feroz como um punhal nas costas, desde Lisboa, desde uma flor na minha boca e uma hora ao pé de ti, vertiginosa e alta nos teus olhos, nos teus ombros velozes ao crepúsculo, numa salva de prata à esquerda pelas nuvens, pelos naufrágios de vento à mão direita, entre cães de latidos luminosos e a muralha da china — esta noite em que a terra é um ponto em Lisboa e não tem importância que não haja outro lugar para estar morto, mas para viver é muito importante que seja um continente que nos espere.

AINDA NÃO

Ainda não
não há dinheiro para partir de vez
não há espaço de mais para ficar
ainda não se pode abrir uma veia
e morrer antes de alguém chegar

ainda não há uma flor na boca
para os poetas que estão aqui de passagem
e outra escarlate na alma
para os postos à margem

ainda não há nada no pulmão direito
ainda não se respira como devia ser
ainda não é por isso que choramos às vezes
é que outras somos heróis a valer

ainda não é a pátria que é uma maçada
nem estar deste lado que custa a cabeça
ainda não há uma escada e outra escada depois
para descer à frente de quem quer que desça

ainda não há camas só para pesadelos
ainda não se ama só no chão
ainda não há uma granada
ainda não há um coração

O BOM ARTÍFICE

Entretanto
dez séculos mais tarde no local do drama
o diabo
diante do seu forno
levanta por instantes seus doces olhos
para quatro mil cadafalsos

Vede
mais além o bom artífice
mostrando
anjos
ou
batéis

ainda uma canção

se gostais
de belas torturas
não ouvireis nada

RESERVADO AO VENENO

Hoje é um dia reservado ao veneno
e às pequeninas coisas
teias de aranha filigranas de cólera
restos de pulmão onde corre o marfim
é um dia perfeitamente para cães
alguém deu à manivela para nascer o sol
circular o mau hálito esta cinza nos olhos
alguém que não percebia nada de comércio
lançou no mercado esta ferrugem
hoje não é a mesma coisa
que um búzio para ouvir o coração
não é um dia no seu eixo
não é para pessoas
é um dia ao nível do verniz e dos punhais
e esta noite
uma cratera para boémios
não é uma pátria
não é esta noite que é uma pátria
é um dia a mais ou a menos na alma
como chumbo derretido na garganta
um peixe nos ouvidos
uma zona de lava
hoje é um dia de túneis e alçapões de luxo
com sirenes ao crepúsculo
a trezentos anos do amor a trezentos da morte
a outro dia como este do asfalto e do sangue
hoje não é um dia para fazer a barba
não é um dia para homens
não é para palavras

POEMA

Alguma coisa onde tu parada
fosses depois das lágrimas uma ilha
e eu chegasse para dizer-te adeus
de repente na curva duma estrada

alguma coisa onde a tua mão
escrevesse cartas para chover
e eu partisse a fumar
e o fumo fosse para se ler

alguma coisa onde tu ao norte
beijasses nos olhos os navios
e eu rasgasse o teu retrato
para vê-lo passar na direcção dos rios

alguma coisa onde tu corresses
numa rua com portas para o mar
e eu morresse
para ouvir-te sonhar

MEMORIAL

As tuas mãos que a tua mãe cortou
para exemplo duma cidade inteira
o teu nome que os teus irmãos gastaram
dia a dia e que por fim morreu
atravessado na tua própria garganta
as tuas pernas os teus cabelos percorridos
rato após rato tantos anos
durante tanta alegria que não era tua
os teus olhos mortos eles também
na primeira ocasião do teu amante
assim como as palavras ainda fumegando docemente
sob as pedras de silêncio que lhes atiraram para cima
o teu sexo os teus ombros
tudo finalmente soterrado
para descanso de todos
— mesmo dos que estavam ausentes

RETRATO DO ARTISTA EM CÃO JOVEM

Com o focinho entre dois olhos muito grandes
por trás de lágrimas maiores
este é de todos o teu melhor retrato
o de cão jovem a que só falta falar
o de cão através da cidade
com uma dor adolescente
de esquina para esquina cada vez maior
latindo docemente a cada lua
voltando o focinho a cada esperança
ainda sem dentes para as piores surpresas
mas avançando a passo firme
ao encontro dos alimentos

aqui estás tal qual
és bem tu o cão jovem que ninguém esperava
o cão de circo para os domingos da família
o cão vadio dos outros dias da semana
o cão de sempre
cada vez que há um cão jovem
neste local da terra

FIDELIDADE

Na orla da floresta o golfo chama os seus fiéis
para deslumbramento dos últimos habitantes

pacto das realidades
dessas altas
figuras de pedra

o alerta do júzfo final
o lugar para onde se leva
o mais generoso e o melhor

LISBOA REVISITADA

Frio frio
como a pedra do rio
— as artes as letras
os cafés do rossio

frio frio
— as mãos
presas à noite por um fio
os amantes ao demónio
anjos e arcanjos ao cio

frio
— a morte
ela e a sua corte
de caudas de pavões
no alto do navio

LIBERTAÇÃO

Descerão por paredes sangrentas
e subirão do asfalto
ganindo com um prego na língua
com os pulsos atados às patas
sobre pulmões raivosos em barcos de esterco
e não olharão nem para baixo nem para o alto
mas para a frente
para o horizonte de fatias vermelhas
e para trás
para os afogados sem mar sem terra natal
sem paisagens marinhas
cada um com um buraco em seu peito
esguichando palavras estridentes
descerão atravessando gargantas
e subirão pela espinha a golpes de jejum
descerão empurrando palavras
transportando-as ao pescoço como cintos de salvação
abrindo crateras nas cabeças queridas
e olhos nos olhos dos aflitos
subirão do asfalto
transparentes e feridos
com os olhos nas mãos
a cabeça no sangue
chegarão aos pares ligados pela boca
com um estandarte negro seguro nos dentes
e descerão sempre cada vez mais e cada vez de mais alto
até chegar à orla do inferno chorarem as últimas lágrimas
e partirem de vez

ESTE CÉREBRO...

Este cérebro de um país
placa tornante gonzo eclusa
de tantas aspirações que procuram

ele próprio no centro
da comodidade das suas estradas convergentes
local feito para a troca e para as reuniões
capital onde se realiza não só a síntese
de duas raças
mas também a união de tantos interesses
tantas energias
desligou as suas imagens

boca aberta em expectativa
os homens-jaguares
vão falar

UMA FACA NOS DENTES

O POETA EM LISBOA

Quatro horas da tarde.
O poeta sai de casa com uma aranha nos cabelos.
Tem febre. Arde.
E a falta de cigarros faz-lhe os olhos mais belos.

Segue por esta, por aquela rua
sem pressa de chegar seja onde for.
Pára. Continua.
E olha a multidão, suavemente, com horror.

Entra no café.
Abre um livro fantástico, impossível.
Mas não lê.
Trabalha — numa música secreta, inaudível.

Pede um cigarro. Fuma.
Labaredas loucas saem-lhe da garganta.
Da bruma
espreita-o uma mulher nua, branca, branca.

Fuma mais. Outra vez.
E atira um braço decepado para a mesa.
Não pensa no fim do mês.
A noite é a sua única certeza.

Sai de novo para o mundo.
Fechada à chave a humanidade janta.
Livre, vagabundo
dói-lhe um sorriso nos lábios. Canta.

Sonâmbulo, magnífico
segue de esquina em esquina com um fantasma ao lado.
Um luar terrífico
vela o seu passo transtornado.

Seis da madrugada.
A luz do dia tenta apunhalá-lo de surpresa.
Defende-se à dentada
da vida proletária, aristocrática, burguesa.

Febre alta, violenta
e dois olhos terríveis, extraordinários, belos.
Fiel, atenta
a aranha leva-o para a cama arrastado pelos cabelos.

DENTE POR DENTE

Outros antes de nós tentaram o mesmo esforço: dente por dente: não, nunca olhar de soslaio e manter a cabeça escarlate, o vômito nos pulsos por cada noite roubada; nem um minuto para a glória da pele. Despertar de lado: olho por olho: conservar a família em respeito, a esperança à distância de todas as fomes, o corno de cada dia nos intestinos. Aos dezoito anos, aos vinte e oito, a vida posta à prova da raiva e do amor, os olhos postos à prova do nojo. Entrar de costas no festival das letras, abrir passagem a golpes de fígado para a saída do es-carro. Se não temos saúde bastante sejamos pelo menos doentes exemplares.

Fora do meu reino toda a pobreza, toda a ascese que gane aos artelhos dos que rangem os dentes; no meu reino apenas palavras provisórias, ódio breve e escarlate. Nem um gesto de paciência: o sonho ao nível de todos os perigos. Pelo meu relógio são horas de matar, de chamar o amor para a mesa dos sanguinários.

Dente por dente: a boca no coração do sangue: escolher a tempo à nossa morte e amá-la.

DECLARAÇÃO

Eu de barba branca a tiracolo
rodeado de fumo por todos os lados vadios
menos pelo lado do mar
com um incêndio à ilharga
e dois artelhos clandestinos
eu salvo miraculosamente para te amar e curar
e esperar o teu regresso glacial e escarlate
que escrevo poemas desde que um rato
me entrou prós pulmões e só por causa disso
eu que disse: há um cancro no mapa universal
e engenheiros, geógrafos, doutores se apressaram a negá-lo
eu da cintura pra cima de alcatrão e terror
e do umbigo pra baixo de quiosque chinês
eu não espero piedade obrigado

UM HOMEM

De repente
como uma flor violenta
um homem com uma bomba à altura do peito
e que chora convulsivamente
um homem belo minúsculo
como uma estrela cadente
e que sangra
como uma estátua jacente
esmagada sob as asas do crepúsculo
um homem com uma bomba
como uma rosa na boca
negra surpreendente
e à espera da festa louca
onde o coração lhe rebente
um homem de face aguda
e uma bomba
cega
surda
muda

UMA FACA NOS DENTES

O MAIS BELO ESPECTÁCULO DE HORROR SOMOS NÓS.

Este rosto com que amamos, com que morremos, não é nosso; nem estas cicatrizes frescas todas as manhãs, nem estas palavras que envelhecem no curto espaço de um dia. A noite recebe as nossas mãos como se fossem intrusas, como se o seu reino não fosse pertença delas, invenção delas. Só a custo, perigosamente, os nossos sonhos largam a pele e aparecem à luz diurna e implacável. A nossa miséria vive entre as quatro paredes, cada vez mais apertadas, do nosso desespero. E essa miséria, ela sim verdadeiramente nossa, não encontra maneira de estostrar as paredes. Emparedados, sem possibilidade de comunicação, limitados no nosso ódio e no nosso amor, assim vivemos. Procuramos a saída — a real, a única — e damos com a cabeça nas paredes. Há então os que ganham a ira, os que perdem o amor.

Já não há tempo para confusões — a Revolução é um momento, o revolucionário todos os momentos. Não se pode confundir o amor a uma causa, a uma pátria, com o Amor. Não se pode confundir a adesão a tipos étnicos com o amor ao homem e à liberdade. NÃO SE PODE CONFUNDIR! Quem ama a terra natal fica na terra natal; quem gosta do folclore não vem para a cidade. Ser pobre não é condição para se ganhar o céu ou o inferno. Não estar morto não quer forçosamente dizer que se esteja vivo, como não escrever não equivale sempre a ser analfabeto. Há mortos nas sepulturas muito mais presentes na vida do que se julga e gente que nunca escreveu uma linha que fez mais pela palavra que toda uma geração de escritores.

A acção poética implica: para com o amor uma atitude apaixonada, para com a amizade uma atitude intransigente, para com a Revolução uma atitude pessimista, para com a sociedade uma atitude ameaçadora. As visões poéticas são autónomas, a sua comunicação esotérica.

Os profetas, os reformistas, os reaccionários, os progressistas arregalarão os olhos e em seguida hão-se fechá-los de vergonha. Fechá-los como têm feito sempre, afinal, e em seguida mergulharem nas suas profecias. Olharem para a parte inferior da própria cintura e em seguida fecharem os olhos de vergonha. Abandonarem-se desenfreadamente à carpintaria das suas tábuas de valores, brandirem-nas por cima das nossas cabeças como padrões para a vida, para a arte, para o amor e em seguida fecharem os olhos de vergonha às manifestações mais cruéis da vida, da arte e do amor.

MAS NÃO IMPORTA, PORQUE EU SEI QUE NÃO ESTOU SOZINHO no meu desespero e na minha revolta. Sei pela luz que passa de homem para homem quando alguém faz o gesto de matar, pela que se extingue em cada homem à vista dos massacres, sei pelas palavras que uivam, pelas que sangram, pelas que arrancam os lábios, sei pelos jogos selvagens da infância, por um estandarte negro sobre o coração, pela luz crepuscular como uma navalha nos olhos, pelas cidades que chegam durante as tempestades, pelos que se aproximam de peito descoberto ao cair da noite — um a um mordem os pulsos e cantam — sei pelos animais feridos, pelos que cantam nas torturas.

Por isso, para que não me confundam nem agora nem nunca, declaro a minha revolta, o meu desespero, a minha liberdade, declaro tudo isto de faca nos dentes e de chicote em punho e que ninguém se aproxime para aquém dos mil passos

EXCEPTO TU MEU AMOR EXCEPTO TU
MEU AMOR

minha aranha mágica agarrada ao meu peito
cravando as patas aceradas no meu sexo
e a boca na minha boca
conto pelos teus cabelos os anos em que fui criança
marco-os com alfinetes de ouro numa almofada branca
um ano dois anos um século
agora um alfinete na garganta deste pássaro
tão próximo e tão vivo
outro alfinete o último o maior
no meu próprio plexo

MEU AMOR

conto pelos teus cabelos os dias e as noites
e a distância que vai da terra à minha infância
e nenhum avião ainda percorreu
conto as cidades e os povos os vivos e os mortos
e ainda ficam cabelos por contar
anos e anos ficarão por contar

DEFENDE-ME ATÉ QUE EU CONTE
O TEU ÚLTIMO CABELO

NATAL DE 1964

Este ano a quadra festiva vai ser melhor do que nunca

no seu centro vai haver
um grande ramo de flores
que é por onde vão entrar
uns atrás dos outros de cabeça pra baixo
os rapazes de mais categoria das artes e das letras
uns atrás dos outros de mãos dadas
cantarolando com a boca cheia
e escorregando docemente escorregando
para debaixo da mesa
onde os espera Jesus
para introduzi-los na grande sala de recepção ao vômito

Quanto ao autor destes versos
aguardará um telefonema até ao último momento
mas à cautela e antes que seja tarde
já comprou um cachucho
que mandou fechar à chave no seu cofre-forte

UM POEMA

*Ceux qui lancent les révolutions
sont toujours les cocus de L'Histoire*

Daniel Cohn-Bendit

Deves ter razão
e certamente a História não demorará a pôr-te os cornos
um corno vermelho e outro corno negro
grande e delirante cornudo
meninotauro bufando
e investindo à altura do sexo
Sou pela razão ardente dos teus cornos!
Pisaste bem o rabo de deus
mordeste bem o pescoço do diálogo
enfiaste admiravelmente bem
primeiro um corno depois o outro
no Cu Pró Ar da política
que era o que ela estava a pedir
Corno detonador e mais nada já sabes
«porque ninguém representa ninguém»
e «a Poesia deve ser feita por todos»
Dada cá o teu corno vermelho
Dada cá o teu corno negro
quero acariciá-los quero vê-los deitar fumo
fumo negro e vermelho

antes do incêndio
onde eles os teus cornos arderão definitivamente
Saúda-te sussurrealisticamente
um homem quase sem esperança de cornos portugueses
não sei se compreendes
Outros antes de ti
mas da mesma família colérica
já o tinham dito:
o sono do materialismo dialéctico engendra monstros
donde essa monstuação sagrada
que se farta de sujar lençóis
fizeste bem em pegá-los pelos cornos
e ires estendê-los na torre Eiffel
Ceux qui tricolorent (Pré Vert)
vão agora vomitar (Misère)
Viva Dany!
Corno-Satã
Marrada na porta do Amanhã!
Cancan cantáridas
nos testículos operários!
Pan Panfleto metido nos ovários!
Puseste de fora as tripas da sociedade capitalista
tiraste a tampa do caldeirão da democracia
mas com o cuidado de uma mão no nariz
e a outra eriçada de flores
tudo isto com a naturalidade da cólera
tu que inventaste
fazendo o pino sobre a pele esticada do tambor de Paris
o Livro das grandes Excitações
Pseudónimo dos desejos recalcados
analfabeto do abecedário revolucionário
que assinaste de corno
o baixo-assinado pela Revolução

Viva!

Lobisomem (Pravda) que trincaste
pela primeira vez neste século
o clítoris de Paris
e provaste
que a linha do horizonte do futuro
passa pelo umbigo
e a Freud Karl Marx Fourier e Bakunine
chamaste um FIGO!

Viva!

Quando todos julgavam que desta vez era verdade
o bandulho de Breton principiava a apodrecer
e os martelos da arte da democracia e o mais
começavam a pregar sorratamente
os pregos da última cena da Viúva Alegre
eis que o bandulho como um tremor de terra
arreganha os dentes
Tu Dany que sempre usaste o barrete frígio como preservativo
tu sorriste à dentuça arreganhada
e com teu dedo de bronze escreveste nas paredes
frases inventadas
por exemplo: o poeta devorará o seu poema ou não
— o poeta devorará o poema para haver Revolução
o poema devorará o poeta para não
Fique entendido que te exalto apenas para que ardas
para ao menos sentir nas narinas
o doce novo cheiro do enxofre
que anuncia a Aurora Boreal
e a pólvora no Fígado
Cornúpeto Ímpeto Sinal
Neste momento és apenas um pretexto
para a navalha de barba fechada envergonhada que sou
se abrir razoavelmente agressiva

e talvez nunca mais se fechar vamos lá ver
porque eu debaixo da gabardine
esta película literária própria para cumprimentar
e receber cumprimentos
eu estou de facto na pele e no osso
relativamente no tutano da esperança
apenas a carne mínima para as noites na cama
esse cordão umbilical que me prende à Revolta
e me exalta no Amor
Porque sei também
há quem espere a visita da liberdade
há quem não espere a visita da liberdade
há quem ponha a liberdade fora de casa
três espécies de gente que há-de ser julgada pela própria liberdade
todos pavões das artes e das letras arganazes do jornalismo
tartarugas da política
todos de escadote às costas
para falar de cima pelo funil do diálogo
ir de automóvel urinar ao litoral para ver o pôr-do-sol
todos os que usam o sexo como gravata
e amam de gravata no sexo todos definitivamente avestruzes
Não entro neste tango à meia-luz para não ver o sangue
sou pela patada no sobrado
pela cornada no tecto
sou pelo salto da pantera
e o ódio e o amor raiados de vermelho
Sou pela mão no martelo
e o martelo contra o espelho!
Sou por ti pelo teu Olho Selvagem
pelo teu esquerdismo de Berro e de Chavelho!
Já o disse uma vez:
pelo meu relógio são horas de matar
de chamar o amor para a mesa dos sanguinários

Estou-me nas tintas
para a pesca à linha das ideias
para a fila de chapéus alentejanos
em coro desafinando a esperança
Sou talvez um violento
um homem com labaredas à roda da cintura
e a língua de fora apesar de ranger os dentes
Dany Anti-Suicidado
sei muito bem que também te chamas Rudi e Vietname e Che Guevara
e outros nomes mais
e um só nome: Proletariado
Estou farto de fazer tricot com as próprias tripas
de beber e de escrever nos intervalos
ter por destino fumar cigarros para divertir os pulmões
até que deles saiam serpentinas e pronto
e não é isto que quero
Dany Possesso
Anel Vermelho e Negro
Fogo no Abcesso

Peixe-Dada na Corrente Quente Surrealista

Até à vista!

AZULIANTE

Este poema é da Aldina

Este poema

começa com um homem de tronco nu
à sua mesa de trabalho e hiante
a esta hora em que de oriente a ocidente
se acendem lâmpadas trémulas e bárbaras e ferozes
e o mar é o teu nome a esta hora pétala a pétala
em que subirei de avião para ir beijar-te os olhos
e ver no meio do deserto o único
o magnífico devorador de rosas a comer um pão
enquanto do Oceano resta apenas
o silêncio de uma lágrima caindo nos joelhos de uma criança
Espera-me onde um nome há no Ar escrito com saliva azul
com raiva azul
como a urina violenta dos amantes
com a sua flor azul à superfície onde crepita a morte

Choverá muito eu sei choverá muito
e não porei uma pedra branca sobre o assunto digo
sobre o tremor de terra em que tu danças
na tua roda de cigarros cada vez mais depressa
cada vez mais depressa
e lento o peixe de plumas de águia letra a letra
dá a volta ao mundo dos teus olhos
enquanto a dentadura cintilante pronuncia o grande uivo
de oriente a ocidente

Certas palavras muito duras quando a noite cai
não devem ter outra origem sabes tão bem como eu
porque agora a lava das lágrimas ao crepúsculo
são as rosas com que o poeta fala
à multidão em volta do crocodilo o animal repugnante
de costas para a luz contra o grande uivo:

de oriente a ocidente a mesma flor podre o estado
os segredos de estado as razões de estado a segurança do estado
o terrorismo de estado os crimes contra o estado
e o equilíbrio do terror
de oriente a ocidente meu amor de oriente a ocidente

Digo não Eu digo não
digo o teu nome que diz não

No entanto às portas da cidade e ao pé de cada árvore
à espera que tu chegues ou passes simplesmente
estão os grandes do império com o chapéu na mão
para cumprimentar-te

Então passas tu com a lua no peito
dividindo distribuindo os alimentos

passas tu devagar atirando as moedas
que os dias não aceitam e gastamos depressa
noite mil e uma noites de quem espera

Meu amor países pátrias têm todos um nome
de letras imundas que não é para escrever
Se ainda podes ouvir o búzio da infância
ouvirás com certeza o sinal de partir

No comboio multicolor sobre carris ferozes e azuis
que há mil anos dá a volta ao mundo
sou eu o homem que viaja nu porque eu sou
o arco-íris e a rosa no trapézio
e tu toda a paisagem que atravesso
como se fosse de bicicleta
como se fosse sílaba a sílaba
a primeira frase sobre a terra

tu com as tuas luvas de amianto ao lado do vulcão
com a tua máscara de olhar a aurora boreal
de me olhares para sempre nua eu a tempestade
de coração a coração

Roda sórdida da razão cínica e canto de galos
depenados vivos que cantam nos intervalos da morte
no meu livro de horas deste século
está escrito que o homem livre fará o seu aparecimento
sob a forma de um cometa de cauda fascinante
que arrastará os amorosos até ao centro do mundo
onde partirão na rosa-dos-ventos e este será o sinal

DIA A DIA AMANTE

DIA A DIA AMANTE DO POETA

É o dia a dia amante do poeta

um rosto contra todas as pátrias
num arco de versos no deserto do século

uma cratera aberta no silêncio
para engolir todo o pranto da terra
até o homem ficar nu

ouro sobre azul sobre a morte
definitivamente

É o dia a dia amante do poeta

as letras do seu nome
pronunciadas no abismo
enquanto um povo inteiro desaparecido em beleza
sob a asa do mistério
canta na sua boca

e um oceano e outro oceano
amanhece contra o coração

toda a saliva do amor
como uma serpente
sorrindo num vendaval de estandartes brancos
desfraldados a teus pés

caligrafia de aves sobre o precipício
antes do relâmpago
na neve devagar
até explodir nos lábios

É o dia a dia amante do poeta

solitário
na clareira violenta onde uma criança em fúria
escreve a sua história
e um relógio de fogo
queima as horas imundas

onde uma estátua de ossos
se inclina chorando
contra o peito da noite

e um automóvel e outro automóvel que passa
desaparece num vômito

É o dia a dia amante do poeta

no livro dos mortos que voa
está escrito o nome dele
ao lado da sua máquina de guerra

ODE

Como um girassol a ideia
letra a letra nos dentes do poeta
e ziguezaguear cintilante
até ao fim do mundo dos meus olhos
onde o teu nome canta ó rosácea dos cegos
voz do suicida no túnel nos ouvidos

Como um icebergue devagar florindo
no horizonte trémulo de púrpura
e peixes doidos de ouro
nas mãos dos assassinos nus
à hora do abismo
ó bússola dos ébrios puta dos impotentes

Flor desfolhada no Everest
bem-me-quer malmequer alucinado
no labirinto ardente das insónias
ó rosa das horas brancas
asa secreta contra o peito
muito alto no avião da morte

Lâmpada negra suspensa no deserto
uivante entre as pupilas e alta
até à via láctea surreal
agora e na hora dos massacres
cidade ou estrela ó baleia branca
no mar de navios sem capitães

Rosto para sempre adolescente
no relógio das horas violentas
na câmara escura
onde o meu nome deve ser lido aos gritos
cantando na garganta dos lobos
ó furor anel de versos doidos

Porta na memória das sereias
para o mistério de ilhas encantadas
no princípio do mundo
aberta como quem abre os pulsos
ou empurrada pelas lágrimas
pela pólvora ó ranger de dentes podres

Única sem céu e sem inferno
sem fim nos olhos dos amantes
na noite sem fim
de mãos entrelaçadas
ó fatal maravilhosamente
como um icebergue como um girassol

SERENÍSSIMO

A passo de leão até à primeira rosa
de cor em cor até ao fim da terra

antes de mil anos e de mil olhos cegos

num silêncio de neve a arder
de cidade em cidade
até um nome em carne viva

de um pólo a outro pólo
para além da melancolia
da estátua equestre aos descobrimentos
e à sua dor de bronze

obsuro e sereníssimo
como um crime perfeito

o século dos séculos

de estalactites de horas
flutuando nos dias e nas noites
de ninguém

e o homem fascinante
e a sua mulher fascinada
irrompendo da lava

tudo depois da minha assinatura

do número ao diamante

do zero ao infinito
até ao último dia

CALIGRAFIA ARDENTE

PREFÁCIO

Ao nível do mar
como o nome da flor do vinho
murmurado entre relógios de carvão
escrito devagar na cal do silêncio
como o lençol de púrpura
no peito dos amantes
de costas para a morte
ao nível do mar
como um cardume de palavras cintilantes
no horizonte de cinza e de pavor
como um cavalo branco toda a noite
de estrela para estrela
ao nível do mar
como a flor que se abre na boca dos suicidas
um homem
ferido de morte
vai falar

CANTO

O canto da velha toupeira
audível nos intervalos do terror
leite dos sonhos esse murmúrio no sangue
que a dor do lado do mistério
causa ao homem quando atravessa a terra
essa rosa por explodir de amante em amante
no coração do mundo
esse pranto à flor da pele
e debaixo da língua
numa girândola de pétalas sem fim
de todas as cores do universo
à hora do lobo no relógio da morte

o canto da velha toupeira
quando a lava dos séculos
se abre num relâmpago de chuva ardente
desfolhada na cabeça da esfinge solitária
sob um silêncio azul de aves doidas
quando uiva nos ouvidos famintos
e trespassa a solidão do fígado
pedra a pedra até à última pirâmide
de corredores de espelhos lentos
um rosto à esquerda outro rosto à direita
e um país desconhecido e belo
muito alto no centro

quando as lágrimas da memória
atravessam de súbito o horizonte
para além do cadáver das fronteiras
até à luz que nasce de um oceano
contra a luz doutro oceano maior
quando rebenta em sílabas de soluços
na boca dos que jazem para sempre soterrados
sob as estátuas negras dos heróis
sem nunca ter escrito o nome
e cegos surdos e mudos
são milhões de fantasmas

quando na orla da sombra dos patíbulo
se erguem labaredas de náusea
até ao vômito da cólera
e dentes de pavor mordem o ar em volta
num círculo de cal viva
quando entre estandartes brancos um pão negro
se ilumina como um tambor embandeirado em arco
nos braços nus através da paisagem
de lâmpadas sonâmbulas
e árvores de asas de fumo florido
entre clarões de neve

quando o sono da paixão engendra monstros
de olhos abertos de pupilas podres
que devoram as cores do arco-íris
quando flutuam plumas
que se inclinam sobre a muralha da china
e uma grinalda de mastros cintilantes
não é um cometa no deserto
mas a lenta cabeleira violenta
das grandes coisas inauditas

sussurradas como um fio de sangue
de letras de fogo na garganta

quando a razão de horror de cada dia
distribuída entre bandeiras triunfantes
é saudada pelos ministros da morte
quando oriente após oriente
para além da peste
surge em grandes ondas caligráficas
o mapa do mundo dos jardins suspensos
na rosa de todos os ventos
desfolhada na órbita do tempo
cada pétala uma asa
cada asa um oceano sem nome

o canto da velha toupeira
ondulante entre o diálogo dos mortos
na cinza das pátrias destruídas
em troca de uma estrela e outra estrela
até à constelação chamada sempre a idade de ouro
e ilha da reunião de todos os desejos
e do amor único e louco
até à grande maravilha do princípio
das mil e uma noites sem fim
numa nuvem de sangue muito doce
erguida à altura da paixão dos olhos
perdidos no infinito

MAR DE NINGUÉM

No mar de ninguém
o navio fantasma e a sua hélice de sangue
à distância de um tiro
onde é a entrada abrupta dando para o torso adolescente
o de sempre quando é preciso procurar uma passagem
entre fios esticados de garganta a garganta
e um tambor estilhaçado à altura do peito

OS MEUS AVIADORES

No ano primeiro do fim da melancolia
enquanto os dias e as noites se devoram
é por mim que escrevem os aviadores
com a minha letra solitária
sobre a multidão no deserto

podem ler quando eu passo
despido de trevas

é a caligrafia da serpente
das praias do tempo da minha infância
onde amanhece
quando faço o gesto de matar

posso mandar os meus aviadores escrever
quando passarem sobre os Pirenéus
ao lado da fome da multidão no deserto

no avião mais alto que vai explodir
voa a minha angústia

podem ver
na linha do horizonte
uma asa de sangue contra o rosto
a minha máscara de amante
de bruços sobre a terra

sou eu à espera dos meus aviadores

GRANDE ÉCRAN

No grande écran
a festa do homem lobo do homem
e a sua mulher de bicicleta
até que um século de furor
abra a cratera donde irrompe o rosto do poeta
as suas mãos borboletas gigantes
os seus pés peixes voadores
a sua boca asa de fogo branco
e outro século
erga a pirâmide de palavras
que se derramem docemente
de anel em anel
até ao último século

MEMÓRIA

À flor da terra a flor de fumo
dos meus cigarros adolescentes
fumados amorosamente entre fantasmas

desse tempo
os meus pulmões que dançam
os meus olhos de desobediência civil
fascinados
que saúdam o arco histórico do desejo

o meu nome que flutua
na orla do furor

desse tempo
uma paisagem de nuvens inventadas
para as minhas aves altíssimas
suspensas sobre a morte

chuva do princípio do mundo
escrita na minha pele
com a língua das tempestades

todas as ruas secretas
por onde não passa
o manequim de patas de alcatrão
devorador do ar

eu beijei o crânio azul da noite
ajoelhado numa bandeira ardente
entre a bela e o monstro
dormi entre frases imensas e bárbaras
e puríssimas
pronunciadas pelo mistério

desse tempo
uma onda de silêncio deslumbrante
onde voam flores negras
quando anoitece do lado do amor
e um homem com passos escarlates
que atravessa o nevoeiro

agora a sombra no meu peito
de um avião que passa
à velocidade da erupção dos teus cabelos
quando amanhece neles

como uma coroa de versos
na estátua jazente do único
a cabeça voltada para o lado intelectual da morte
os olhos muito abertos para o pranto de súbito
todos os nus uma criança incluída
presos por um fio de sangue
definitivamente às estrelas
e a minha assinatura do fígado sobre as águas

em vez do meu nome leiam
Mil Crimes de Amor numa torre de marfim

eu sei
uma pequena multidão petrificada
ameaça escurecer os rostos os mais belos
é ela que avança contra os relógios de sol

eclipse total se não há
espelhos para as insónias negras
se não há para a biografia completa do homem
um grande amor da cama à música das esferas
passando por um tremor de terra

O NOME

Veio do outro lado do mar
pronunciado pelo fogo
e jaz nos jardins suspensos sobre a morte
como um vómito do coração
o nome podre de ninguém

ASSINATURA

Entre lágrimas de crocodilo
o homem com gestos de lava
que aponta o local do crime
todas as manhãs
e eu despido de rosas
subo a escada de caracol da morte
para ir deixar na tua pele a assinatura bárbara
com a caligrafia trémula todas as manhãs
e todas as noites de terror
entre a música dos astros



DESOBEDIÊNCIA CIVIL

1. A desobediência civil é um ato de resistência passiva contra a autoridade do Estado, praticado por indivíduos ou grupos, com o objetivo de protestar contra leis ou políticas consideradas injustas.

2. Este tipo de ato é caracterizado por ser não-violento e por envolver a violação consciente de uma lei específica, com o intuito de provocar uma mudança social ou política.

3. A desobediência civil pode ser considerada uma forma de ação direta, pois visa diretamente à transformação da realidade social.

4. É importante ressaltar que a desobediência civil não deve ser confundida com o crime comum, pois possui uma motivação política e social, além de envolver uma consciência clara de que se trata de um ato ilegal.

5. A desobediência civil é uma prática que exige um alto grau de coragem e comprometimento por parte dos participantes.

6. Além disso, é fundamental que os atos de desobediência civil sejam planejados e realizados de forma organizada, visando maximizar o impacto social e político.

7. A desobediência civil é uma ferramenta poderosa para a luta por justiça social e política, sendo utilizada por movimentos sociais e organizações de resistência em todo o mundo.

DESOBEDIÊNCIA CIVIL

Esta manhã deste século
entre anjos caídos
a lava da voz humana

podem ouvir neste local da terra
de nome de animal de patas obscenas
como um búzio da cabeça ao sexo
e do sexo à flor do espasmo

vem do murmúrio do caos
e rebenta em sílabas de abelhas nos ouvidos

agora atravessa mil novecentos e oitenta e sete
e todos os meus anos bêbados
vai de um pólo ao outro da memória
e regressa como um tiro no tempo
através do fogo

•

à beira do abismo onde começa a adolescência
a grande hélice de estrelas
e os animais favoritos de toda a fome na terra
um automóvel outro automóvel
um cemitério de automóveis
e é a civilização que amanhece
entre pombos de asas de chumbo
os adoradores do cometa de sangue

vestidos de amianto
e a máquina de escrever dos generais
escreve a palavra cadáver ininterruptamente
até ao final do último acto

•

se a preguiça encantadora dos homens
deve acabar a sua obra e a sua língua de fogo
unir os dias e as noites do desejo
então saudemos as grandes afirmações:
«a poesia deve ser feita por todos» e
«a poesia é feita contra todos»

os devoradores de cultura podem sair pela esquerda alta
fiquem os amantes obscuros e o único os raros
todos os nus
porque a língua portuguesa não é a minha pátria
a minha pátria não se escreve com as letras da palavra pátria

Vede
sobre a coroa de silêncio do vulcão adormecido
uma ave a sua plumagem de cores trémulas
e as asas que escrevem letra a letra o nome definitivo do homem
e no entanto multidões de gnomos
cada qual com o seu estandarte
esperam à entrada dos cemitérios
para saudar o fogo-fátuo

eu passo de bicicleta à velocidade do amor
atravesso a terra de ninguém com um dia de chuva na cabeça
para oferecer aos revoltados

POEMA

Esta a cabeça em fúria do poeta
como está nas fotografias tiradas de avião
depois de cair em chamas no mar de ninguém

estes dentes
o alfabeto doido com que vai escrever

e aqui está a sua mão direita
estátua de manhã e automóvel à noite
salvo acidente mortal

e eis os seus olhos
peixes verdes sem mar
a sua boca aquela voz horrível no deserto

os seus pés
dois príncipes encantados no palácio dos passos perdidos
antes de encontrar-te meu amor

POEMA

sobre o mapa do mundo
a sombra das grandes estátuas ao domingo
e ossos de países

quando insónia sangue olhos queimados
círculos vermelhos países
cinza ossos esqueletos

sobre o mapa do mundo
a sombra dos países
e as grandes estátuas ao domingo de olhos queimados

POEMA

A gabardine de Benjamim Péret (Pedro Oom)
Encervejalizar
As sodrèmitas
Le bâton ivre
Isidore Ducasse, conde de Lautréamont, que uma tarde
apareceu de cão preto na Cervejaria da Trindade
Estátua de manhã e avião à noite

Iniciação à estética

O nariz de Cyrano de Bergerac, as pernas de Toulouse-Lautrec,
o olho de Camões, as costas de Lichtenberg, e o Aleijadinho.

Os artistas mutilados

Van Gogh cortou uma orelha, Cervantes cortou um braço,
Rimbaud cortou uma perna, Ravachol cortou a cabeça, Chaplin
cortou o bigode.

Ouvir vozes

Perturbação auditiva que pode levar à morte por queimaduras.
Caso Joana d'Arc.

Cortou a mão para não escrever a palavra morrer.

Para o banquete com talheres de prata
chegam os poetas com as musas ao colo
elas todas nuas
eles de gravata

servem-se as lagostas
ao som do piano
e depois a carne
carne de licome
desce de aeroplano

tudo com muitos vinhos
de vários sabores
por copos infindos
como são os amores

e após o banquete
entre aves canoras
os poetas e as musas
saem para o espaço
em camas voadoras

POEMA

Vai-se de comboio
e em S. João de Gatão
do cemitério uma mãozinha acena
mãozinha do poeta é evidente
na sua luva de gangrena

POEMA

Um sábio
não sabia fumar cachimbo

mas a mulher do sábio sabia

quando o sábio chorava
por não saber fumar cachimbo
a mulher do sábio sorria

e assim durante meses e anos

até que
no dia em que o sábio sabia que morria
não disse à mulher que sabia

por isso quando ele chorava
a mulher do sábio sorria

POEMA

Na paisagem que amanhece
jaz o corpo de ninguém

maior do que a noite
e os olhos que ela tem

jaz um pouco de lado
voltado para a lua

coberto de nada
na paisagem nua

nunca teve um nome
não espera o Além

o corpo que jaz
e é de ninguém

O DEGOLADO

O degolado que dizia
que ficara sem cabeça
por causa da poesia

o degolado que gritava
por causa da mulher
que era quem mais amava

o degolado que gemia
por causa do silêncio
que à sua volta havia

o degolado que parecia
que quanto mais calava
mais ele enrouquecia

o degolado que sorria
com a língua de fora
e uma lágrima de alegria

o degolado que ainda olhava
mas que já não via
a morte que o matava

o degolado de olhos tortos
e revirados para o céu
como os de todos os mortos

TEXTOS

COMO COMUNICAR?

Falar da ausência de António Maria Lisboa, neste ano de fantasmas que é 1963, é suspender à porta das agências literárias que tapam o horizonte, a seguinte pergunta: Como comunicar? Era exactamente com esta interrogação que o autor de «Isso ontem único» terminava em 1947 a conferência intitulada «Erro Próprio». Seis anos depois A. M. Lisboa noticiava que o esforço para dar resposta rigorosa à pergunta podia às vezes levar ao rebentamento dos pulmões. Alguns dos que ficaram, mais ou menos a partir dessa altura, com a pergunta atravessada na garganta, não se importam de informar que, embora seja possível os pulmões continuarem durante vários anos portugueses a fazer parte da mobília do poeta, outras peças não escapam ao sacrifício. Porque o amor, a liberdade não são moedas de aparecer nos balcões dos grandes armazéns da literatura nacional, apesar dos empregados servirem bem e dos fregueses raramente se queixarem. Os mesmos declaram ainda que, embora barata a entrada para o jazigo sumptuoso, oferta dos funcionários críticos deste país aos surrealistas, vão preferir espremer na vala comum. «Mas o Rossio é sempre a despedida da vida».

Francamente, falar de surrealismo num ambiente de capacidade crítica subdesenvolvida e de chuva miudinha, apetece pouco. Como apetece pouco, outrossim, repetir afirmações já muito bem atropeladas pelos profissionais da nossa esperteza literária. O ferro-de-engomar do talento continua de serviço e quente.

Certíssimo, pois, este insignificante significativo acontecimento que sou eu sepultando meia-dúzia de palavras num jornal de Tomar, a propósito da ausência de A. M. Lisboa. Mas como comunicar, num local em que debaixo dos leitos do amor estabeleceram quartel-general as ratazanas do medo? Eis a pergunta a que, segundo A. M. Lisboa, cada um deverá dar resposta a seu modo e a seu tempo.

EXPOSIÇÃO DADA

Quando em 1922 Dada foi atirado vivo e nu ao Sena, não era para que fosse pescado. Também não era para ser servido como dobrada à moda do Porto fria. Dada cavalo marinho voador alemão de 1918 nunca foi para vir a ser para concursos hípicas. Dada dador de sangue e barbeiro de Mona Lisa nunca foi para coisa nenhuma, pela simples razão de ser Dada. Dada quer dizer: uma forma de matar para não morrer. Nunca foi portanto para aparecer de suicida, de artista maldito, de monstro querido, de vampiro arrependido, e muito menos de cadáver esquisito.

Se houvesse cadáver de Dada, mas não há, o que vai chegar agora aí embalsamado seria um falso cadáver. Se houvesse cadáver insepulto de Dada, cheirava mal num continente inteiro. Se houvesse cadáver de Dada enterrado em vala comum, havia ainda hoje fogo-fátuo que dava para iluminar uma cidade — exemplo, Lisboa. Como não cheira e tudo permanece muito às escuras, segue-se que não há cadáver de Dada.

Se houvesse fantasma de Dada, mas não há, já todos os museus do mundo teriam ardido. Como ainda não ardeu nenhum, é que não há fantasma de Dada.

Dada nunca foi goraz, por isso não pode ser agora peixe frito. Também nunca foi rei do petróleo, não pode agora pela mesma razão ser irmã de caridade. Se nunca foi ao dentista por causa dos dentes podres, não pode ter agora o sorriso de Mona Lisa, mesmo com bigode.

Se Dada fosse anti-Dada, estava tudo certo. Como não é, tudo está errado. Só o Surrealismo, que foi um erro próprio de Dada, é ainda Dada. Só Dada é surrealista, e o humor e o amor o surreal Dada.

O Dada surrealista e o Surrealismo Dada não são formas para arrancar os cabelos da arte, mesmo a mais cabeluda, se a arte não estivesse irremediavelmente careca, e fosse a cantora que se sabe. Não são também para efeitos de luz de museu.

A cadaverização de Dada é um segredo que nem Dada conhece, quanto mais quem não. Donde: o inimigo morto que se vai exibir, para pasto dos gorilas da cultura, não é cadáver de Dada. Porque a pintura Dada nunca foi pintura, a escultura Dada nunca foi escultura, a poesia Dada nunca foi poesia, e por aí fora até ao infinito: Dada.

Houve a revolução Dada que ainda está a haver, mas não haverá nunca exposição de Dada.

UM PALITO PARA ALFRED JARRY

Esse Pão com fome de poliaços e de bicicleta com a poesia com as tripas de fora atravessando incólume terra de Ubus, o *onanista* voador de diamante em diamante em visita ao Amor, Alfred Jarry de seu nome incandescente, que eu conheci, estava no meu primeiro solo de ranger de dentes e ele atirava ao alvo — *ó cabecinhas, barrigas-de-petróleo, patriotas encuecados de ideal borrado, crocoloditas de pança encortificada, mandibulantes de carniça operária, grandes escritores de tinta da china maricas* — esse Pão que todos os dias nos rebenta na boca logo de manhã, e depois à mesa, e na cama à noite, e sempre, enquanto este tempo de Ubus não for empurrado para o alçapão — «nobres para o alçapão, magistrados para o alçapão, financeiros para o alçapão» —, Alfred Jarry de seu nome de letras crepitando no organismo da fêmea do super-macho e escrito no espelho de cada um, esse Pão com vidro moído por dentro para dar aos generais, com fumo para entrar nos olhos dos cães de guarda da paisagem, Alfred Jarry de seu nome cortante, ora vejamos:

Este poeta e a vida, paixão e morte da sua vida não podem sofrer homenagens para além do palito, que é, supõe-se, o que

todos aqui vêm trazer, cada qual à sua maneira. Porque, para além do palito, neste caso, o exercício de cadaverização estaria demasiado à vista. Desviar as balas alegremente em direcção ao alvo ainda vivo seria o mesmo que desarmar o franco-atirador que foi Alfred Jarry — e ficarmos desarmados. Confesso não estar muito à vontade com, na mão, este palito que me parece uma flor. Rir-se a barriga do rei dos polacos, por minha causa, das pistolas de Jarry, não desejaria eu nunca. *O humor, que se quer negro, devorante e criador, há-de em português cintilar mesmo no cadafalso.* Vejo uma mancha de sangue no local onde dois amantes se demoraram e oiço-os rir ao longe. Irei atrás deles.

Aqui está: um poeta corre sempre o risco de ser assassinado enquanto viver — sobreviver — rodeado de polacos. Abrir brechas, clareiras num exército permanente às ordens de Ubu equivale a seguir, se não se é amante, o rastro dos amantes.

O antiterrorismo de Alfred Jarry, que não é para imitações, também não é para ser servido com os talheres com que habitualmente a literatura trata os seus alimentos. E ao pedir, na hora em que a fome o ataca mortalmente, apenas um palito, ao disparar assim afasta desde logo para bem longe os caixeiros das artes funerárias.

A vibrante canção de recusa e degolação que é a sua vida e a sua obra mais uma vez coloca a poesia nas primeiras linhas de fogo, donde em vão a têm querido tirar. *Neste século por acabar, por estripar, por incendiar, o grito de morra o Rei Ubu é a única palavra de ordem. E cabe aos poetas tornar esse grito bem audível.*

1

Ó Estado, mais uma vez podes limpar as mãos à parede do cu do papa, ficarás com as mãos mais brancas para os teus crimes. Ó partidos, da esquerda e da direita, mais uma vez podes beijar os pés ao papa, ficareis com a boca abençoada para mentir melhor. Explorados, escolhei o crime, escolhei a mentira. Sois livres. Tu, poeta, range os dentes e indigna-te.

2

Que o Estado venere Deus na figura do papa, que os partidos venerem o Estado na figura do papa; que os explorados venerem Deus, o Estado, o Partido — a trindade onipotente. Enfim, o poder temporal subordinado ao poder sobrenatural. Nem Deus nem senhor? Maldita incurável doença infantil do comunismo. Explorado, escolhe o explorador.

3

O Estado que te submete é republicano e reverencia a Igreja, o Partido em que militas é marxista e felicita o papa, o Sindicato onde estás inscrito é revolucionário e saúda a reacção. A greve geral é uma arma que não deve ferir o papa. Nada contra o obscurantismo. Paz ao inimigo. Quem disse que a religião é o ópio do povo? Explorados, que escolheis?

4

Sobretudo, nada de escândalo. Uma pedra branca sobre o crime, uma pedra negra sobre a crítica. Ecrasez l'infâme, dizia Voltaire. Uma pedra negra sobre Voltaire. O silêncio dos ateus é o ouro do Vaticano. Explorado, escolhe a pedra para a tua cabeça.

5

Conquistar a liberdade de expressão para não usar a liberdade de expressão. Não denunciar o opressor, não ousar atirar-lhe à cara a revolta, sequer na forma de um cravo. Ver, ouvir, receber o papa com o medo de 24 de Abril. Explorado, por que não vomitas?

6

Explorado, sê manso e obedece. Pode ser que entres no reino dos céus, de camelo ou às costas de um rico. Obedece. Pode ser que vás para a cama com a Pátria. Obedece. Pode ser

que o teu cadáver ainda venha a ser o estandarte glorioso do Partido. Nunca percas a esperança, explorado, jamais.

7

Abaixo a união livre. Viva a coexistência pacífica. O casamento do capital e do trabalho vai ser o grande casamento do século. Não haverá oposição dos pais nem da polícia. Sobretudo, tudo menos a erotização do proletariado. Felicidades, explorado.

8

Ouvi falar da luta de classes e da revolução e do mundo que o proletariado tem a ganhar e nada a perder. Ouvi falar das armas da crítica e da crítica pelas armas. Ouvi falar em transformar o mundo e mudar a vida. Ouvi falar de que enquanto um homem, um só que seja, e ainda que seja o último, existir desfigurado, não haverá figura humana sobre a terra. Nunca tinha ouvido uma sercia assim. Ouviste, explorado?

9

O diálogo? Que diálogo pode haver entre o condenado à morte e o carrasco que o conduz ao patíbulo? O diálogo é entre amantes, entre amigos, entre camaradas. Fora disso não há diálogo. Tens a palavra, explorado.

Lisboa, 25 de Maio de 1982

TEXTO ENVIADO ÀS COMEMORAÇÕES
100 ANOS DE ANARQUISMO EM PORTUGAL

Seria escandaloso que a palavra surrealista — palavra entre todas libertária — não se fizesse ouvir nestas comemorações, mesmo sem ter sido convidada. Mesmo se é uma voz, e uma só, a voz da palavra surrealista aqui — a minha, nem maior nem menor, porque é a minha voz. Mas conta-se com a generosidade do anfitrião.

De facto, o surrealismo, na figura do Poeta, o insurrecto por excelência, foi neste século a grande palavra libertária contra a cultura asfixiante e ao mesmo tempo a voz inaugural da cultura fascinante — da vida fascinante.

«Para Uma Cultura Fascinante» é exactamente o título de um livro de um poeta português publicado em 1959. E dez anos antes outro poeta português afirmara: «a Anarquia e a Poesia são uma obra de séculos e irrompe espontaneamente ou não irrompe». Outro poeta, também português, proclamava entretanto: «enquanto um só homem, um só que seja, e ainda que seja o último, existir desfigurado, não haverá figura humana sobre a terra».

«A poesia deve ser feita por todos, não por um», ou, «a poesia é feita contra todos» — que libertário ousará repudiá-las estas verdades libertárias sem negar a essência do anarquismo?

São afirmações de dois poetas, um francês e o outro português. Duas bandeiras, e uma só e a mesma bandeira, vermelha e negra, ou só negra, ou só vermelha. Da cor da «liberdade, cor do homem», como cantou outro poeta.

Tudo vozes de poetas, é verdade. Mas ouviram-nas ontem os anarquistas? Vão ouvi-las hoje os libertários?

Visionário, o poeta é também uma visão; através dele todos podem ver. Um esforço mais, anarquistas, se quereis ser bons libertários.

Hoje, aqui, como em toda a parte, a cultura asfixiante e os seus ministros, as suas igrejas, os seus partidos, os seus sindicatos, os seus controladores, exige, como outrora, como sempre, se não queremos ser vítimas ou cúmplices, se queremos ser revolucionários, que a voz da insurreição se faça ouvir. O Poeta — o insurrecto — tem a primeira e a última palavra a dizer, e essa será definitiva.

Como dantes a prisão, a guilhotina, a força ou o fuzilamento, também agora o silêncio e a miséria, os campos de concentração e os hospitais psiquiátricos não poderão calar a voz da insurreição. Jamais! — disse o Poeta.

Lisboa, 29 de Abril de 1986

Poesia modo de conhecimento ou meio de expressão?

Poesia é sobretudo, e antes de mais nada, forma de conhecimento. Mas não pode deixar de ser, também, expressão. Conhecimento de nós, dos outros, do mundo, enfim. Conhecimento do homem como microcosmos, entenda-se. Logo, conhecimento sempre revolucionário. Escrevi uma vez: a revolução é um momento, o revolucionário, todos os momentos. É evidente que este revolucionário só pode ser o poeta. Porque o poeta, sendo um visionário, é também uma visão: através dele todos podem ver. Ver criticamente, livremente — afinal única maneira de ver. Expressão desse conhecimento pode ser a palavra escrita, e é apenas neste sentido que digo que a poesia é também expressão.

Nós encontrávamos-nos nos cafés. Hoje os cafés perderam-se. Que mais achas tu que se perdeu (ou ganhou) — além da vida?

Sim, encontrávamo-nos nos cafés. No mundo fascista lisboeta dos anos da nossa juventude, os cafés foram o nosso

grande campo de acção. O final da frase é um verso de um poema de Mário de Sá-Carneiro, como sabes. Acontece que no caso dele significava uma acção preparatória do suicídio, e nós estávamos completamente voltados para a vida. Será melhor dizer: a nossa presença nos cafés era uma constante afirmação contra a morte. Aquela morte de três rostos — deus, pátria, família — que nos perseguia por toda a parte: que ainda nos persegue, convém não esquecer nunca. Encontrei-te nos cafés, nos cafés encontrei os meus melhores amigos. No Café Gelo encontrei a poesia na sua primeira forma bárbara, que é a forma do início de tudo. Os cafés perderam-se, foram assassinados. Perdeu-se, isto é, eu acho que perdi sobretudo o que me roubaram. Ganhei tudo o que tive talento e força para ganhar. Estou vivo.

Há as aparências do pensamento, as aparências da cultura, as aparências da sociedade, e há a poesia, de quem os professores dizem que é a arte de traduzir em palavras a impossibilidade do absoluto. Que pensas tu disto?

Ao contrário dos professores, penso que a poesia é a arte de traduzir em palavras a possibilidade do absoluto. Relativo é o que está mais ou menos à mão e ao alcance de todos. E se não se quer o absoluto para quê então tanto queixume, tantos gemidos, tantas reivindicações? Não há falta de relativo, de literatura sobre isso, de distribuidores disso ao domicílio.

A poesia, que não se queixa, que não geme, que não reivindica, ou seria um partido político qualquer, e não poesia, é afirmação em todas as circunstâncias. Contra as aparências do pensamento, contra as aparências da cultura, contra as aparências da sociedade. Disse-o Novalis de uma vez para sempre: a poesia é o autêntico real absoluto.

Quando éramos jovens, considerávamos que a poesia e surrealismo eram uma e a mesma coisa. Para ti, ainda são?

Poesia e surrealismo são para mim, ainda hoje, uma e a mesma coisa, com as devidas correcções introduzidas pelo tempo, pela minha própria experiência.

Ao deslumbramento que foi a descoberta do surrealismo, sucedeu uma interpretação menos deslumbrada, mas mais profunda. Penso agora que a rebeldia contra todos os poderes, desde o poder do Estado, passando pelo poder dos partidos até ao poder de distribuir prémios literários, que é uma face combativa do surrealismo, que tanto me entusiasmou, é apenas a face mais visível. Há a outra face, oculta, não menos subversiva. Esta face, onde se reflectem todos os desejos do homem, libertariamente, é que é a verdadeira origem da estrada sem fronteiras que é o surrealismo, como já alguém afirmou.

Cada poeta tem um sistema, uma teoria inseparável dos seus poemas. Os teus, quais são? Não falo de um conjunto sistematizado de ideias, mas da obscura necessidade que leva um poeta a escrever poemas...

Os meus poemas advêm de facto de uma obscura necessidade. Mas como se ilumina o obscuro, como explicá-lo? Liberdade é o conhecimento (a satisfação da necessidade, dizia Engels). Posso então deduzir que a necessidade e o conhecimento da liberdade me levam às vezes, entre outras coisas, a escrever poemas.

Há uma teoria da liberdade? Há uma teoria da necessidade? Sei que há várias teorias para escrever poemas, mas isso é com a literatura, não estou interessado.

Quando surgiu o «Primeiro Manifesto do Surrealismo» «transformar o mundo» (Marx), «mudar a vida» (Rimbaud) eram mais do que um belo sonho. Hoje, o que são?

Transformar o mundo, mudar a vida será sempre mais do que um belo sonho. Não é outro o tema da poesia de todos os tempos.

Em 1924, ano da publicação do «Primeiro Manifesto do Surrealismo», ainda eu não era nascido, e hoje, 1988, quando estou vivo desta maneira — sempre mais do que um belo sonho. Não vos inquieteis, é a realidade que se engana, está escrito num muro da Avenida de Berna. Não me inquieto.

Entretanto, parece que a cotação social da poesia aumentou. As homenagens aos poetas constituem um dos números mais apreciados da «saison»...

De há uns tempos a esta parte que um verdadeiro bando, ao que parece organizado, constituído por literatos, comerciantes, necrófilos e patetas, se vem dedicando a essa nefasta actividade. São já especialistas. A verdade é que nunca tantos, ao mesmo tempo, tentaram assassinar a poesia. E em nome dela, como convém ao cinismo.

TÁBUA

- QUASE TRÊS DISCURSOS QUASE VEEMENTES — Primeira publicação na revista *Pirâmide*, n.º 2, Junho de 1959.
- 40 NOITES DE INSÓNIA DE FOGO DE DENTES NUMA GIRÂNDOLA IMPLACÁVEL E OUTROS POEMAS — Livro, Ed. A Antologia em 1958, publicado em 1960.
- UMA FACA NOS DENTES — Livro, ed. &etc, 1983.
- O POETA EM LISBOA — in jornal *A Rabeca*, Portalegre, 1961.
- DENTE POR DENTE — in *Contraponto* — «cadernos de crítica e arte», n.º 3, Sertã, 1962.
- DECLARAÇÃO — in *Correio do Ribatejo*, Sup. «Portas do Sol», n.º 21, Abril de 1962.
- UM HOMEM — idem, n.º 56, Setembro de 1963.
- UMA FACA NOS DENTES — in *Surrealismo/Abjeccionismo*, ed. Minotauro, 1963.
- NATAL DE 1964 — postal, ed. autor, Santarém, 1964.
- UM POEMA — in *Caderno Colectivo Grifo*, ed. autores, Abril de 1970.
- AZULIANTE — Livro, ed. &etc, 1984.
- DIA A DIA AMANTE — Livro, ed. Hiena Editora, 1986.
- CALIGRAFIA ARDENTE — Livro, ed. Hiena Editora, 1987, integra os poemas, «Prefácio», «Grande Écran», «Assinatura», «Mar de Ninguém» e «O Nome», publicados inicialmente na revista *Colóquio-Letras*, n.º 90, Março de 1986.

- COMO COMUNICAR — *in* jornal *O Templário*, supl. «Labareda», Novembro de 1963.
- EXPOSIÇÃO DADA — *in* supl. literário do *Diário de Lisboa*, Fevereiro de 1972.
- UM PALITO PARA ALFRED JARRY — Escrito em Outubro de 1973 para o n.º 16 da revista *&etc* (dedicado a Alfred Jarry), este texto não chegou a ser publicado, tais as mutilações que sofreu por parte da Censura. O itálico identifica os cortes feitos.
- TEXTO ENVIADO ÀS COMEMORAÇÕES 100 ANOS DE ANARQUISMO EM PORTUGAL — Lido nessas comemorações.
- TESES SOBRE A VISITA DO PAPA — Folheto, ed. do Autor, Maio de 1982.
- ENTREVISTA — A Ernesto Sampaio, *in* *Diário de Lisboa* de 27 de Fevereiro de 1988.

ÍNDICE

<i>Quase 3 Discursos quase Veementes</i>	11
<i>40 Noites de Insónia de Fogo de Dentes</i> <i>numa Girândola Implacável e Outros Poemas</i>	17
<i>Uma Faca nos Dentes</i>	31
<i>Azuliante</i>	47
<i>Dia a Dia Amante</i>	53
<i>Caligrafia Ardente</i>	61
<i>Desobediência Civil</i>	77
<i>Textos</i>	91
<i>Tábua</i>	109

COLECÇÃO IDEIAS E ATITUDES

- 1 — RUI ANDRÉ DELÍDIA
Fêmea, Angra de Felicidade
- 2 — ANTÓNIO JOSÉ FORTE
Dia a Dia Amante
- 3 — ERNESTO SAMPAIO
A Procura do Silêncio
- 4 — Versões de HERBERTO HELDER
As Magias
- 5 — AUGUSTO T. DIAS e RUI ANDRÉ DELÍDIA
O Pó. Verbo da Loucura e de Deus
- 6 — FERNANDO ASSIS PACHECO
Variações em Sousa
- 7 — ANTÓNIO JOSÉ FORTE
Caligrafia Ardente
- 8 — ADÍLIA LOPES
O Marquês de Chamilly
(Kabale und Liebe)
- 9 — SILVINA RODRIGUES LOPES
E se-pára
- 10 — FERNANDO J. B. MARTINHO
Pessoa e os Surrealistas
- 11 — ERNESTO SAMPAIO
O Sal Vertido
- 12 — LEONEL BRIM
... Talvez Pinóquio
- 13 — RUI ANDRÉ DELÍDIA
Luz Negra
- 14 — ANTÓNIO JOSÉ FORTE
Corpo de Ninguém

CORPO DE NINGUÉM
de
ANTÓNIO JOSÉ FORTE

Execução Gráfica
da
Tipografia Lousanense
para
HIENA EDITORA
Lousã - Maio de 1989
Deposito Legal nº 26224/89

COLECÇÃO

IDEIAS E ATITUDES